

## **Intervenção de Carlos Almeida, em representação do MPPM, na Manifestação realizada em Lisboa no dia 29 de Outubro de 2023, por convocação do CPPC, da CGTP-IN e do MPPM**

Os livros de história estão cheios de violências, de crimes e massacres, genocídios, formas institucionalizadas de domínio e desumanização do outro.

Quando os lemos, perguntamo-nos, como foi possível? O que aconteceu para que não tivesse sido travado aquilo que hoje, com a distância, nos parece evitável? Diremos talvez que, à época, o mundo desconhecesse, as notícias não corriam céleres como hoje. E inevitavelmente nos perguntamos, quem eram os homens e as mulheres daquele tempo, o que disseram, o que fizeram para travar essas violências, que valores defenderam, que posições tomaram?

O dia vai chegar em que será a vez dos nossos filhos, dos nossos netos olharem os livros de história, e aprenderem a soletrar palavras como Gaza, Palestina. Ouvirão falar de um tempo em que foi possível que uma população de mais de 2 milhões de pessoas, encarceradas num território com 300 e poucos km<sup>2</sup>, privada de água, alimentos e medicamentos, isolada do mundo, fosse bombardeada, massacrada semana após semana, sem que tivesse sido possível travar essa chacina.

E perguntarão, o que fizeram os homens e as mulheres daquele tempo? Desejavelmente, estaremos vivos alguns, e seremos nós os que, em primeira instância, teremos de responder: onde estivemos? o que dissemos? o que fizemos? Cada uma e cada um assumirá a sua responsabilidade. Só uma coisa ninguém poderá dizer: eu não sabia.

Desde sexta-feira ao final do dia, é o silêncio o que se ouve em Gaza. Foram cortadas todas as comunicações. A julgar pelo que aconteceu nas últimas semanas, à vista do mundo, só podemos imaginar o pior. Famílias inteiras, em alguns casos, extinguíram-se já. Perto de 8 mil pessoas foram mortas, mais de um terço crianças. Hospitais, unidades de saúde, escolas, abrigos, mesquitas, igrejas – é verdade, em Gaza há cristãos, e igrejas antigas de muitos séculos – estão a ser bombardeados maciçamente. Mas não só em Gaza. Nos territórios da Margem Ocidental, nos campos de refugiados, nas cidades e vilas de maioria palestina dentro do estado de Israel, está em curso uma campanha repressiva de extrema violência. Desde o dia 7 de Outubro, foram mortas mais de 100 pessoas, somando-se às cerca de 240 assassinadas desde o início de ano. Em duas semanas, o número de palestinos presos, homens e mulheres, tantas e tantas crianças, quase duplicou e situa-se hoje em torno dos 10 mil. Das prisões de Israel chegam notícias de sevícias, castigos e tortura. Duas pessoas foram mortas na última semana. Ontem pela manhã, Israel lançou sobre a metade norte da faixa de Gaza panfletos, declarando toda a região como zona de guerra e que os abrigos – precários que fossem – deixaram de ser zona segura. Como se o não soubéssemos já.

A palavra que aqui quero trazer-vos é só uma: urgência! urgência! A urgência da solidariedade, da solidariedade com um povo a lutar pela sobrevivência, pelo seu direito à liberdade. Em nome do sentido de humanidade, dos valores mais básicos e mais elementares fundadores da noção de comunidade que une, que deve unir todos os seres humanos, iguais em direitos e em deveres. Na passada sexta-feira, o secretário-geral das NU publicou uma nota breve numa rede social que terminava com a frase: “este é um momento da verdade”.

Hoje é a nossa vez, este é o nosso tempo, esta é a nossa responsabilidade. É preciso travar o genocídio, o caminho para o abismo, a mais monstruosa campanha de desumanização que conhecemos, tão cruel, tão brutal que a simples exigência de um cessar-fogo se transformou numa reclamação radical, ao ponto de se inventarem eufemismos – “pausa humanitária” – para não dizer simples e claramente, que pare a guerra, que pare o massacre. Só isso, nada mais, nada menos.

Precisamos ocupar ruas e avenidas – hoje, aqui, em Lisboa – depois em muitas outras vilas e cidades, levar a bandeira palestina a todos os lugares. Multiplicar acções e iniciativas, pequenas e grandes. Chamar todas e todos a participar. A intervir. A fazer ouvir a sua voz. Para que quando aquele dia chegar, possamos olhar os nossos filhos e os nossos netos, de cabeça bem levantada, e dizer-lhes, nós estivemos lá. E lutámos. E dissemos não. Não em nosso nome.